

Entrevista com o Professor Hélio de Freitas Coelho

Revista Mundo Livre: Professor Hélio, é um imenso prazer poder contar com a sua prestimosa colaboração! Primeiramente, gostaríamos que falasse um pouco de sua trajetória profissional. Sabemos que é o mais antigo professor do *campus* da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes. O que isso representa para o senhor? Quais mudanças considerou mais relevantes ao longo desse tempo?

Hélio Coelho

Inicialmente, gostaria de dizer que me considero o produto do ensino superior de qualidade implantado em minha cidade de Campos dos Goytacazes nos anos 60/70 como resultado de um esforço comunitário e que gerou uma instituição sem fins lucrativos (ainda que uma pessoa jurídica de direito privado), a Fundação Cultural de Campos, mantenedora da Faculdade de Direito de Campos (1960), Faculdade de Filosofia de Campos (1961) e Faculdade de Odontologia de Campos (1972), hoje agrupadas no UNIFLU-Centro Universitário Fluminense. Vindo do interior de Campos aos 8 anos (passei minha infância em São Martinho na Baixada Campista), de uma família numerosa e de um pai envolvido com as lutas políticas do antigo trabalhismo com Vargas, João Goulart e Brizola, sempre “apertado” e preservando sua dignidade pessoal e política, meu pai Edgard Coelho dos Santos - cujo centenário foi comemorado este mês de dezembro - vereador por três mandatos e perseguido pós 64, viúvo (mamãe morreu em 1965) e com 7 filhos, deixou claro, com tristeza, que não poderíamos ir estudar no Rio de Janeiro ou Niterói... Arranjou-me um emprego na Biblioteca Municipal e como aluno-trabalhador fiz o científico e passei para o Clássico por fascínio com a História, Sociologia e Literatura.

Cursei a Faculdade de Direito de Campos e o Curso de História da Faculdade de Filosofia de Campos (3ª turma) - por muitos anos considerada para além de Campos como padrão de excelência no ensino/formação de Professores.

Ainda estudante de História comecei a dar aulas e comecei pelo interior do Município em Morro do Coco (ginásio da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade) ganhando meio salário/mês. E também num colégio na cidade, típica escola das camadas populares, o Instituto Rui Barbosa. Em seguida, fui chamado para várias escolas particulares de classe média e da aristocracia local, bem como para cursos pré-vestibulares. Ao concluir o Curso, em 1971, fui convidado para substituir o consagrado Professor Dr. Aldano Séllos de Barros que se aposentara no Clássico do Liceu, uma glória! Glória maior viria em 1973 quando, aos vinte e poucos anos fui convidado para dar aulas no Curso de HISTÓRIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA DE CAMPOS... TIVE QUE RALAR ESTUDANDO SEM TER A QUEM PERGUNTAR COMO FAZER... Foi uma experiência e tanto! Recebia pouco mais de um salário mínimo por mês... Lá permaneci até 1992. Em meio a tudo isso, advoguei no Tribunal do Júri por algum tempo (meus 4 filhos/as precisavam de uma boa formação) e fui eleito vereador em 1972 e reeleito em 1976 - quando cheguei à Presidência da Câmara com a missão de abrir a instituição para os movimentos populares e colocá-la em sintonia com a luta contra a Ditadura, pela Anistia e pela Democracia.

Em 1976 fui chamado para compor o corpo docente dos fundadores da Universidade Cândido Mendes de Campos onde permaneci até 1993, retornei em 99 até 2004.

Em 1985 tive a honra de uma substituição provisória do Professor Dr. José Luiz Vianna da Cruz na UFF-Campos/Curso de Serviço Social, e no ano seguinte fui efetivado mediante seleção nos moldes da época, pois já era possuidor de Curso de pós-graduação Especialista em História pela PUC-BH desde 1976-77, além do pós em Metodologia do Ensino Superior, exigências para o ingresso naquele tempo. Desde 1997 sou Professor da

Faculdade de Direito de Campos. Cheguei a ser aprovado em primeiro lugar para o Mestrado do IUPERJ e cursei as disciplinas, mas por motivo de saúde e finanças... não concluí as formalidades, mas que aproveitei as aulas, ah! como aproveitei!!!

Então, como Departamento de Serviço Social, sempre sentimos a necessidade de expandir nossa presença uffiana em Campos. Havia uma demanda por novos cursos muito grande. A UENF chegou nos anos 90 (também por luta comunitária e visão política de Brizola e Darcy Ribeiro), e assim, aqui na UFF começou um grande trabalho coletivo para viabilizarmos nossa transformação em Instituto e assim possibilitar a instalação dos novos cursos que aí estão com grande distinção acadêmica: História, Geografia, Ciências Sociais, Economia e Psicologia, um salto qualitativo extraordinário do qual todos/as nós da nave mãe rrsr (Serviço Social) nos orgulhamos de ter contribuído para sua existência! Mudou tudo por aqui... mudou o paradigma! E quando muda o paradigma, tudo muda a sua volta, não é mesmo? Aos 71 anos de idade, 51 na sala de aula como um irrecuperável mestre-escola voltado para o ensino (ainda que reconheça a relevância da pesquisa científica na universidade), aqui estou eu em plena atividade (não tenho Dedicção exclusiva) com 4 turmas e mais duas na FDC... com muito entusiasmo no exercício dessa pedagogia da Paixão existencial do ser Professor!

Revista ML: De que maneira, a partir dessa trajetória intelectual e profissional, pode definir a sua luta pela democracia?

Hélio Coelho

Conforme sinalizei, nasci na casa de um grande e apaixonado político, meu pai, que também era jornalista, crítico literário, corretor de imóveis e outras virações para manter-se íntegro e cuidar de 8 filhos nos limites de suas possibilidades. Um ambiente de discussões políticas, discursos inflamados, havia muitos livros em casa, muitos discos de todos os gêneros... Desde os tempos de aluno-trabalhador científico e clássico, gostava dos debates no grêmio estudantil e fui da última diretoria da Federação dos Estudantes de Campos (FEC-fundada nos anos 30) fechada pela Ditadura em 1965. Fui Presidente do Diretório Acadêmico da Filosofia de Campos - 69/70 - e Vereador nos anos 70/82. Era um jovem de vinte e poucos anos... trabalhando muito (Vereador ganhava 4 salários mínimos), recém-casado, filhos, mas que, aos poucos, comecei a perceber com mais clareza o que estava acontecendo no Brasil daquele tempo (nos grandes centros, era de um jeito, numa cidade de interior como Campos, era de outro jeito essa percepção). A partir de 1974 comecei a ter um papel mais definido na política ideológica o que se firmou após o Curso de pós-graduação em História do Brasil na PUC-BH. Assim através de artigos e entrevistas na imprensa local (e até nacional) após 1977 transformei a Câmara dos Vereadores de Campos num palco de debates sobre as questões locais (movimentos sociais se rearticulando) e nacionais, em sintonia com a luta pela abertura, pela anistia, pelas diretas, enfim por tudo aquilo que viria se materializar na Constituição de 1988.

Sou, a bem da verdade, formado numa tradição mais arejada do materialismo histórico e dialético, e que, no contato com os estudos sobre o Brasil e o Trabalho, acabei me tornando uma espécie de livre pensador do campo progressista da esquerda, rejeitando dogmatismos e masturbações ideológicas que dão prazer, mas não fecundam... A questão da Democracia no Brasil nos coloca diante de muito mais complexidades do que simplificações. O mesmo ocorre com o processo de luta contra o capitalismo para um projeto futuro de socialismo entre nós. De qualquer maneira, estou convencido que a Democracia tem que ser considerada nesse processo como um valor ontológico, como um valor paradigmático, como um compromisso para avançarmos na direção de uma sociedade mais justa e mais feliz para

todos e todas... Assim, nesses tempos incertos e conduzidos por quem cultua a truculência em nome do Direito e estupra a Justiça, nestes tempos de invasão do espaço sagrado da autonomia da Universidade, nesses tempos que são anunciados com declarações de amor a torturadores e de saudade dos tempos da Ditadura Militar Civil/Empresarial, gostaria de convidar os leitores às reflexões abaixo:

A Democracia é muito mais do que um conceito ou uma definição: deve estar plantada em cada um de nós como uma Vivência! É, como dizia Betinho, uma obra inesgotável e inacabada. Cabe-nos aprofundar sempre o processo de democratização da vida social, sendo um dos seus pilares, o respeito à diversidade, o pluralismo político, a participação, a solidariedade, a mais justa possível distribuição da renda com todas e todos, a igualdade, uma grande ação coletiva e de cada um/a, tendo por eixo a cidadania. Ela não é a supressão do conflito e sim a capacidade desenvolvida no sentido de administrar os conflitos que se expressam justamente pela natural efervescência da vida social. A Democracia, assim como a Liberdade, transcende o que aparece nos dicionários e devemos nos comprometer sempre a lidar com elas como algo vivo, como um rio, como um fogo, sendo sua morada o coração do homem e da mulher, conforme nos ensinou Thiago de Mello em *Os Estatutos do Homem*.

A Ditadura, sempre alardeada como resposta à crise no pântano enganoso das bocas, é a violência institucionalizada para assegurar os interesses dos poderosos, ainda que isso nem sempre fique muito transparente. Foi assim no Brasil de 1964 a 1985/88: os militares não eram os donos do poder! Eles seguraram o poder através de um regime autoritário para garantir as altas taxas de acumulação de capital pelos grandes empresários (banqueiros, pecuaristas, latifundiários, setores industriais) do Brasil e suas alianças internacionais. Tudo, à custa do arrocho e do empobrecimento do povo trabalhador. O ditador dita as regras, impondo-as autoritariamente através de forte aparelho repressivo, prisões arbitrárias, supressão de direitos básicos, torturas e assassinatos. A Ditadura tem a “paz” e cheiro de cemitério, ao passo que a Democracia tem as cores e os perfumes da Primavera. Que assim seja! Mais uma vez vou alertar a todas e todos: CUIDADO com as soluções autoritárias que andam defendendo por aí para combater a crise que vivemos, CUIDADO! Viva a Democracia com Ética, Honestidade e Justiça Social! Resistir e Avançar em defesa do Estado Democrático de Direito.

A Democracia que temos ainda não é a Democracia plena que queremos, mas é a melhor que já tivemos, sob a inspiração e efetivação do estabelecido na Constituição de 1988! Viva a Constituição! Viva a Democracia!!

Revista ML: Ainda sobre esse aspecto, em relação aos recentes ataques à democracia – sofridos inclusive no meio universitário – e à crescente oposição às liberdades individuais, o que o senhor poderia nos dizer à tal respeito?

Hélio Coelho

Creio ter respondido acima. Mas não custa reafirmar: temos que permanecer unidos na luta contra esse projeto de restauração do autoritarismo ostensivo entre nós com visíveis traços fascistas. Temos que lutar para a Constituição de 1988 - com todas as suas limitações - não seja esartejada para viabilizar o projeto reacionário que venceu as eleições e se instalará (já está, né? Temer é parte introdutória da “missão”...) em janeiro próximo. Este é um momento em o campo progressista precisa ter uma visão da Grande Política, superando questões menores que diferenciam e se juntando nas questões maiores que o unificam. E a Democracia é a palavra de ordem!

Revista ML: Gostaríamos que relatasse um pouco sobre o episódio de autoritarismo e arbitrariedade que ocorreu na UFF/Campos no dia 13 de setembro com a revista do TRE e da polícia militar. Houve transgressão às normas eleitorais que regem as eleições ou não? Por que?

Hélio Coelho

Para quem não sabe, a partir da denúncia de um aluno no MP, após os acontecimentos, foi instaurada uma Comissão de Sindicância interna para “apuração dos fatos” e eu fui intimado e compareci ontem, segunda-feira 10 de dezembro e dei meu depoimento. A Comissão, formada por colegas de trabalho no cumprimento do dever funcional me ouviu com total liberdade de expressão, sem qualquer constrangimento (achei até que eles/elas é que estavam constrangidos com a situação em que se encontravam...).

Antes de entrar no mérito, quero dizer que é triste constatarmos a existência de alunos/as que se prestam à prática do “dedo duro” de triste lembrança dos tempos da Ditadura. Penso que estudantes de Direita (em qualquer tonalidade) têm o direito de existir entre nós e de se organizarem nos termos do inciso V do artigo 1º da nossa Constituição que consagra o pluralismo político. E que, organizados, venham para o debate aberto com as demais concepções político-ideológicas! É muito mais decente apresentar-se como Direita, Fascista, Conservador, Reacionário, do que ficar falando em neutralidade, imparcialidade na apreciação da realidade e outras baboseiras! Não há neutralidade, bem o sabemos. No mundo acadêmico tem que haver honestidade intelectual deixando claro de onde se parte pra onde se quer chegar. E sempre partimos (todos/as) de uma visão do mundo, dos homens e das coisas... Triste ver jovens com esse perfil de dedurismo, de denúncias ao invés do enfrentamento democrático de suas divergências... tristes tempos!

No dia da invasão pelo TRE- Inspetores e JUIZ - ao perceber que havia algo anormal na sala do Centro Acadêmico, quis saber do que tratava e rispidamente o inspetor chefe da “operação” informou-me que estavam ali, com o JUIZ ELEITORAL investigando uma denúncia de “crime eleitoral”. Apresentei-me como Professor da Universidade e Decano da instituição e disse que estava estranhando a forma truculenta com que estavam realizando o trabalho, inclusive com o arrombamento da porta da sala do DCE. Foi então que o JUIZ apareceu e disse: Estou aqui com o poder de polícia que tenho para apurar pessoalmente um crime eleitoral mediante denúncia de um aluno que disse ser o Centro Acadêmico um espaço de armazenamento de material (panfletos) de campanha eleitoral, e ISTO AQUI, A UFF, É UMA REPARTIÇÃO PÚBLICA E NÃO PODE TER ESSE TIPO DE COMPORTAMENTO), e falou de um jeito arrogante, alto, autoritário... RESPONDI NO MESMO TOM QUE A UNIVERSIDADE NÃO É UM COVIL DE BANDIDOS PARA RECEBER ESSE TRATAMENTO! A Universidade é um espaço de fluxos de ideias políticas, econômicas, sociais, dentro do pluralismo constitucional! E falei forte! Ele então, aproximou-se de mim dizendo com arrogância:

O senhor quer atrapalhar meu serviço? O senhor quer sair daqui preso? E estendeu o braço na minha direção como quem diz afaste-se! Virei-me pra ele e disse: Doutor, não estou encostando minha mão no senhor... portanto, não encoste a mão em mim! Ele, então, num rompante inimaginável (somente capaz de ser explicado por um ódio à Universidade Pública ou uma vinculação ao projeto autoritário da eleição presidencial, pela segunda vez ameaçou-me de prisão... Aí então, gritei: Se o senhor fizer isso, exijo a presença do presidente da OAB (prerrogativa de advogado). Naquele instante o inspetor o chamou para o interior da sala do CA dizendo havia encontrado... os panfletos(!) após revirar, mexer, remexer tudo que ali se encontrava, abusivamente. Foi então que um aluno, solidário a mim, gritou palavras de ordem em defesa da autonomia universitária. O JUIZ saiu da sala e o ameaçou também de prisão!!!

Tudo por conta de alguns panfletos que estavam ali guardados por estudantes em sua militância externa e ao irem para aulas, os guardavam no Centro Acadêmico...

Enfim, o ato de investigação em si, a partir de uma denúncia (triste ato de um aluno da casa), estava revestido das formalidades legais pelo fato da Universidade ser uma repartição pública legalmente subordinada às normativas da legislação eleitoral. Mas, para além da legal, há que se considerar a questão da legitimidade! E é aí que o ato, revestido da truculência que o caracterizou, pede sentido de legitimidade, o que logo depois foi reafirmado pelo Supremo Tribunal Federal que condenou esses abusos contra a autonomia da Universidade, inclusive com duas frases em pareceres antológicos daquela Suprema Corte: 1. A única invasão que se admite na Universidade é a invasão... das ideias!; 2. Polícia só pode entrar na Universidade... para estudar! Diante disso, eu me senti contemplado por ter tomado a atitude que tomei. E foi o que disse à Comissão de Sindicância!

Revista ML: Sobre o seu percurso como professor-historiador, são notórias em suas aulas o tratamento dado ao governo de Getúlio Vargas e sua relação com a ditadura militar no Brasil. Poderia aprofundar tais aspectos aqui?

Hélio Coelho

Aprofundar mesmo esse tema que me é muito caro, neste momento, não o farei, mas se a revista assim o desejar, fora dessa correria de fim de ano... terei muito prazer em explicitar com detalhes meu pensamento a respeito. Posso dizer apenas que para mim, Vargas é um tótem tratado como se fosse um tabu...

Posso ainda dizer que estou convencido de que Vargas é uma espécie de enigma esfingético do tipo ou tu me decifras ou eu te devoro...E ainda, que é preciso superar essa estigmatização que a sociologia paulista construiu como se ele fosse a encarnação de um populismo de enganação das massas e cooptação da classe trabalhadora. No seu tempo, o nacionalismo econômico, o trabalhismo, o reformismo social sofriam duros ataques da esquerda estalinista (que não conseguia disputar com ele o projeto que ele expressava) e os liberais que não se conformavam com o nacionalismo econômico, com a intervenção do Estado na ordem econômica e social (Nacional-Estatismo, v. Aarão, Daniel), MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL DE VOLTA REDONDA, VALE DO RIO DOCE, CLT, PETROBRAS, BNDES, MINISTÉRIO DO TRABALHO, IBC, IAA, PREVIDÊNCIA SOCIAL, AUMENTO DE 100% DO SALÁRIO MÍNIMO, etc, etc... Vargas foi deposto em 45 e voltou em 50 eleito pelo povo e tombou morto ao disparar uma bala no peito... caiu muito mais por suas virtudes do que por seus defeitos! E retardou por 10 anos o golpe que viria a se consumir em 1964 derrubando seu herdeiro político JANGO, o inesquecível Presidente JOÃO GOULART das Reformas de Base, e que também foi derrubado muito mais suas virtudes nacionalistas e democráticas do que por seus defeitos...

Mas o aprofundamento desses nexos e da própria análise da Ditadura Militar Civil Empresarial fica para outra oportunidade... Ainda continuo convencido (ainda que meio que na contra-mão), que o Trabalhismo é a via para o Socialismo Democrático no Brasil. Boa essa discussão, não é mesmo?

Revista ML: Voltando aos dias atuais, a que o senhor acha que se deve a vitória do então eleito presidente Jair Messias Bolsonaro nas eleições de outubro desse ano? De acordo com pesquisas, a maior parte do eleitorado brasileiro preza pela democracia a qualquer outro regime. Existe aí uma dissonância?

Hélio Coelho

Preciso de um pouco mais de tempo e de um certo distanciamento temporal para responder com mais consistência. Não tenho dúvida quanto à mistificação e o uso de expedientes reacionários alimentando atitudes reacionárias e fundamentalistas de novo tipo na sociedade brasileira. A ausência de debates sob a forma de confrontos mais democráticos e transparentes alimentou essa indignação do candidato vitorioso que, sem articulação mais consistente, pelas redes sociais (que nivela sábios e imbecis) falou diretamente com uma população envenenada contra o reformismo social (apelidado de comunismo) e perplexa em face das novas questões colocadas democraticamente pelos mais diversos coletivos e movimentos sociais. Não há como deixar de considerar as questões sobre promiscuidades governamentais amplificadas no discurso e no protagonismo golpista do combate à corrupção. Falsos moralismos liberais, “udenismo” ressignificado historicamente... Reconhecidos alguns “problemas reais” decorrentes do Presidencialismo de Coalizão entre nós, Lula e Dilma também caíram muito mais pelas suas virtudes sociais do que por seus “defeitos” midiaticamente propalados...

Revista ML: Agradecemos novamente pelo tempo dispensado, professor Hélio!